

A FOME, A GUERRA, A PESTE E A MORTE: CINEMA EM MANAUS DURANTE A GRANDE GUERRA¹

*HUNGER, WAR, PLAGUE AND DEATH:
CINEMA IN MANAUS DURING THE GREAT WAR*

**Allan Gomes Freitas
PPGCINE-UFF**

Resumo

A cidade de Manaus, no início do século XX, vivia o fim da opulência proporcionada pelo ciclo econômico da borracha. Em um período de cerca de 40 anos, passou da aceleração propiciada por símbolos da modernidade europeia indústria automobilística, abertura dos portos ao comércio estrangeiro, intensa urbanização para uma grave estagnação econômica. Nesse período, o cinema se estabelece como principal entretenimento da metrópole e a eclosão da Primeira Guerra Mundial refletiu-se no consumo de cinema da cidade.

Palavras-chave:

Cinema; História; Manaus;
Grande Guerra; Consumo.

INTRODUÇÃO

Entre o fim do século XIX e início do século XX, diversas cidades brasileiras passaram por processos de modernização aos moldes do que ocorrera em cidades europeias. Manaus, capital da província do Amazonas, passa por radicais transformações também nesse período. Impulsionada pela circulação de capital proporcionada pela economia da borracha, a cidade inicia o século XX com luz elétrica instalada, intensa circulação de barcos a vapor e uma mudança intensa em sua visualidade com melhoramentos urbanos e características cosmopolitas, tendo sua população ampliada e a introdução de elementos e costumes de origens diversificadas.

É assim que os moradores do centro da cidade, principalmente, passam a ter como opções

Abstract

In the early twentieth century, the city of Manaus, northern Brazil, went through the last moments of the opulence provided by the profits of the Amazon rubber boom. In a period of about 40 years, it has gone from accelerating propitiated by symbols of the modern European auto industry, opening ports to foreign trade, intense urbanization to severe economic stagnation. Meanwhile, Cinema establishes itself as the main entertainment of the metropolis and the outbreak of World War I is reflected in the city's cinema consumption.

Keywords:

*Cinema; History; Manaus;
World War; Consumption.*

de lazer largas calçadas e passeios públicos, que a cidade começa a contar com serviço de bonde elétrico conectando a maior parte das ruas do centro com os bairros mais distantes de Cachoeirinha até o início de Flores e iluminação na parte de maior atividade comercial, que se tornava também a de vida noturna mais intensa por conta dos bares e cafés.

Em pouco mais de dez anos, essa pujança econômica dá lugar ao terror de uma crise com ares apocalípticos. Milhares de trabalhadores abandonam seus postos de trabalho nos rincões do estado, e avançam para a capital, com suas fomes, suas doenças e caindo mortos sucumbindo ao cenário de miséria.

Na primeira década do século XX, o discurso dos administradores era de que se tivesse uma cidade limpa e ordenada, os investimentos estrangeiros

viriam para a cidade e os que já estavam não saíam (MASCARENHAS, 1988, p. 131).

É marcante no período a tentativa de aproximar Manaus de um ideal de cidade moderna. Porém, ao mesmo tempo em que se embelezava a cidade, em busca de investidores, segregava-se a população, que se encontrava em péssimas condições de vida, sem saneamento, higiene, habitação adequada e acompanhada por um quadro de doença de todos os níveis. Esta segregação não promoveu de maneira imediata a expulsão do trabalhador para as periferias mais distantes, mas caminhou no sentido de trazer para a dimensão pública segmentos sociais da elite mercantil e política, encantadas com as cidades europeias (COSTA D., 2014, p. 110).

O período foi representado por um diferente estado de espírito de clima intelectual e artístico e profundas transformações culturais traduzidas nas mudanças de pensamento e cotidiano, uma época caracterizada pela ostentação, luxo e extravagância da classe alta da sociedade (DAOU, 2000).

É esse espaço que vamos observar nos anos 1910, já em plena crise da economia gomífera, e em uma década marcada por convulsões sociais, com reflexos da I Guerra Mundial, miséria decorrente do fechamento de muitos seringais e o fluxo de migrações abarrotando a capital. A cidade que se preparou para ser uma vitrine (MESQUITA, 2016) para o imigrante estrangeiro é marcada nesse momento por uma desilusão quanto ao futuro.

O cinema, inicialmente um dos símbolos da modernidade trazidos à cidade de Manaus, se consolidou nos anos 1910, junto com a instalação das salas fixas de exibição, e em meio a uma situação caótica que envolveu crise econômica, reflexos da I Guerra mundial e o enfrentamento da epidemia conhecida como Gripe Espanhola. Fruto de um processo agressivo, essa modernização causou atritos entre as diversas formas de usufruir da cidade, e as salas de cinema refletiram isso. Desse período conturbado, o momento em que Manaus vive a epidemia de gripe espanhola é o que causou reflexos mais graves na vida social da cidade. No que diz respeito aos espaços de exibição cinematográfica, tema deste artigo, fontes² registram que em novembro de 1918, todos os cinemas baixaram as portas e deixaram

de realizar sessões. Não fica claro se atendendo às recomendações do poder público, ou pela falta de frequentadores, mas o registro é que somente em janeiro do ano seguinte é que se voltaria a ligar os projetores nos cinemas manauaras novamente.

Os jornais da época são nossa fonte para acessar os signos de transformação desse período. Ainda que com discursos fragmentados, não-lineares e heterogêneos, recorreremos à metodologia do Paradigma Indiciário, proposta por Carlo Ginzburg (2016), para identificar os pormenores aparentemente negligenciáveis que podem revelar fenômenos profundos de notável alcance.

Entendendo ainda que não partimos de um ponto inédito, buscaremos dialogar com outras pesquisas que se lançaram na tentativa de acessar processos do passado. Esse diálogo com pesquisas já consolidadas, fontes já utilizadas, e busca de novas fontes, é a construção que pretendemos fazer no desenvolvimento deste artigo. Entendendo que apesar da heterogeneidade das fontes, é possível reuni-las caso sejam consideradas vestígios de processos de estruturação e de mudança social (GINZBURG, 2016).

OS ESPAÇOS DA CIDADE

Além das transformações urbanas, o crescimento demográfico acompanhou os bons números econômicos e recebeu pessoas de diversas nacionalidades, sobretudo portugueses, ingleses e espanhóis, além da forte migração nordestina. A população da cidade, em 1907, era de cerca de 60.000 habitantes, sendo pelo menos 10.000 estrangeiros, dentre os quais as maiores colônias eram de portugueses, em primeiro lugar, e espanhóis, em segundo (PINHEIRO, 2018).

Há que se diferenciar o tipo de migração recebida na cidade, visto que o discurso oficial era voltado para o recebimento de estrangeiros capitalizados para aproveitar ou reestimar a economia gomífera, mas a propaganda governamental atraiu todo tipo de gente. No período de maior fluxo de capitais, o governo “mandou escritores e políticos como propagandistas à Europa, fotografou a cidade em álbuns que percorreram capitais europeias, e metamorfoseou-a aos gostos estrangeiros” (COSTA, S. 1996, p. 21). Manaus então preparara-se para tornar-se uma versão idealizada de metrópoles europeias, mas a

intensidade das transformações pretendidas não parecia considerar a população, tanto nativa como migrante. O espaço estava em disputa.

Cabe aqui pensarmos o espaço da cidade como proposto pelo geógrafo David Harvey (2010), não em um sentido absoluto, mas como uma relação entre objetos. Não há como imaginarmos que o projeto modernizante de uma cidade como Manaus se daria da forma como planejada em planilhas e projetos, tampouco que a própria transformação da cidade não levaria a mudanças nos modos de se relacionar daquela sociedade.

A concepção de espaço relativo propõe que ele seja compreendido como uma relação entre objetos que existe pelo próprio fato dos objetos existirem e se relacionarem. Existe outro sentido em que o espaço pode ser concebido como relativo e eu proponho chamá-lo espaço relacional - espaço considerado, à maneira de Leibniz, como estando contido em objetos, no sentido de que um objeto pode ser considerado como existindo somente na medida em que contém e representa em si mesmo as relações com outros objetos (HARVEY, 1973, p. 13 apud HARVEY, 2010, p. 10).

Em "O espaço como palavra-chave", Harvey (2010) aponta a complexidade inerente ao termo 'espaço', visto que as possibilidades de desdobramentos fazem deste conceito algo de difícil definição. Nesta obra, contudo, o geógrafo se propõe a um esforço de decifração genérica para o termo, e para isso distingue o espaço em três conceitos: absoluto, relativo e relacional. O primeiro, como algo fixo, que permite padronizações e medições e está aberto ao cálculo, no nosso escopo seria a cidade pensada a partir dos projetos de engenheiros e arquitetos, onde tudo pode ser expresso nos traçados e planilhas de planejamento. O segundo, como passível de ser relativizado e que considera os referenciais de quem observa, para o nosso recorte é a cidade que emerge de observações na imprensa, relatos de viajantes e, sobretudo, os indícios de quem não detinha o poder de influenciar o debate público naquele momento aos quais investigamos nesse trabalho; e o terceiro, do qual nos valem no momento, reconhece que não há espaço fora dos processos que o definem, e que portanto é o nosso esforço posterior de tensionamentos a partir da observação das diversas fontes (HARVEY, 2010).

A discussão apresentada por Harvey é trazida aqui para apontarmos como o projeto

modernizante pretendido pela elite amazonense no início do século XX só poderia existir enquanto intenção, ou no campo do discurso, visto que ao se colocar em fricção um projeto de cidade de natureza estrangeira com a cultura local e mais as vivências do contingente de migrantes e imigrantes, o espaço pretendido, simbólico ou físico, resultaria em uma coisa outra que não caberia no inicialmente previsto. Em resumo, um projeto de cidade estaria menos para um jogo de tabuleiro com suas regras rígidas e possibilidades muito bem delimitadas, e mais para um jogo de cartas, com orientações mais genéricas e muitas possibilidades de blefe, nuances e interferências da vontade dos jogadores envolvidos.

Em textos publicados nos jornais locais do período, que compõem o corpus de nossa pesquisa, não é raro perceber julgamentos morais, considerações estéticas ou de busca de um ideal de comportamento "chic". São indícios de que a implementação do projeto de embelezamento da cidade, traduzia-se também em um alinhamento ideológico de determinados setores da cidade. No entanto, este projeto não foi recebido de forma homogênea e as disputas pelo espaço da cidade deram-se nos mais diversos níveis: simbólicos, físicos e ideológicos. Vamos nos deter por mais um momento na reflexão de Harvey sobre a compreensão do espaço como algo que não se pode pensar de forma isolada.

Compreender um pouco o sentido do que é o espaço e como as diferentes espacialidades e espaço-temporalidades funcionam é crucial para a construção de uma imaginação geográfica diferente. Mas o espaço revela-se uma palavra-chave extraordinariamente complicada. Ele funciona como uma palavra composta e possui múltiplas determinações, de modo que nenhum de seus significados pode ser propriamente compreendido de forma isolada. Mas é precisamente o que faz deste termo, em particular quando associado ao tempo, um termo tão rico em possibilidades (HARVEY, 2010 p. 37).

Relembremos que entre os itens que passaram a compor a visualidade desta nova metrópole, o espaço do cinema é uma das chaves para alcançar as relações com outros aspectos da cidade em transformação. É essa capital carregada de contradições, que recém vivenciou um mergulho na modernidade, passando da condição de simples vila para uma efervescente metrópole. "Modernidade" aqui referida não como um

período histórico demarcado, mas como mudança nas experiências subjetivas das pessoas, uma aceleração dos sentidos (CHARNEY e SCHWARTZ, 2006), que nos interessa.

Dentre as disputas, físicas e simbólicas, daquele momento as formas de construir estavam na prioridade da administração pública. Códigos de construção foram elaborados e atualizados a cada novo administrador ou implementação de inovação da cidade - como os bondes e a iluminação elétrica. O choque com as práticas culturais locais era constante. As casas do centro da cidade foram sendo derrubadas ou substituídas, o motivo principal alegado era a facilidade da propagação de doenças nas construções de palha e barro.

A palha, além de considerada antiestética e insalubre, carregava consigo o pecado de trazer à memória toda uma civilização que se buscava desterrar: a indígena. [...] Quanto mais longe se possa ficar de tudo que lembre a cultura indígena, menos derrotado se sente o amazônico (2014, p. 116-117).

O controle da imagem parece central no projeto modernizante da cidade, surge como da exclusão que já existia desde o final do XIX, conforme consta do Código de Posturas de Manaus, que restringiu a ocupação do centro embelezado pela população mais pobre e nativa. As casas de barro e cobertas de palha eram as barracas: típicas habitações da população pobre da região amazônica. Foram proibidas pelo Código de Posturas de 1872 nas Ruas dos Remédios, Boa Vista, Flores, Imperador, Brasileira, Manaós, Henrique Martins, Cinco de Setembro, São Vicente e em todas as praças. Em 1890, o Código de Posturas mantém a proibição dentro dos limites urbanos, sob pena de o infrator ter a cobertura de sua casa demolida (DIAS, 2007, p. 59). Não havia pudor em admitir que a motivação era atrair o olhar estrangeiro, como consta na mensagem do governador para a Assembleia em 1900:

“Mas uma capital não é simplesmente um ponto de estada para os homens, precisa, a par das necessidades satisfeitas da vida animal, de conceder prazeres de ordem superior aos seus visitantes, com esta compreensão trabalhou o meu governo pelo embelezamento de Manaus não julgando improdutivas as despesas a esse fim consagradas. O estrangeiro julga sempre um país pela sua capital: se esta o atrai, está sempre disposto, ou a consagrar-lhe a sua atividade, ou, quando de volta à sua pátria, fazer-lhe referências que determinem compatriotas seus a emigrarem

para o país enaltecido. Tudo que se faça pelo embelezamento da capital do Amazonas, à primeira vista parecendo obra supérflua, é de resultado praticamente imediato”. Mensagem lida perante o Congresso dos Srs. Representantes em sessão de 10/7/1900, pelo Exmo. Sr. Coronel José Cardoso Ramalho Júnior, Governador do Estado (DIAS, 2007, p. 37).

Junto aos argumentos de ordem econômica para as reformas urbanas, alegava-se a necessidade de adequar o espaço à nova demanda populacional. No entanto, a maior parte delas beneficiou principalmente a elite cidadina. Mudanças como as praças, o ajardinamento, as grandes avenidas tiveram como função social trazer para a dimensão pública o setor elitizado da população (COSTA, F., 2014). Dentro do repertório exigido pela modernidade, ver e ser visto compunha as relações de sociabilidade, logo, era natural que esta elite demandasse a transformação desse espaço para suprir essa necessidade.

Há então indicações de um esforço da elite local em se definir através do seu consumo, dos espaços que frequenta, e, principalmente, o esforço para que a vida pública represente o que se espera de quem detém poder aquisitivo.

OS CINEMAS

A inauguração da primeira sala fixa de cinema, o Cine Theatro Julieta, acontece em maio de 1907, sendo sucedida por uma série de outras salas (COSTA S, 1996). No ano de 1912 a cidade de Manaus chega a contar com sete salas de cinema, marcando esta diversão como central para a vida da cidade que sofre com a perda do poder econômico decorrente dos preços da borracha.

A centralidade do cinema nas diversões locais já se tornara motivo de reclamação no ano anterior, quando, no jornal Correio do Norte, o redator lamentava os cinemas lotados e o comparava a uma epidemia:

Manaus presentemente atravessa uma crise assustadora em tudo. Desde a da praça, que é a mais feroz, até a do bom gosto. Diversões aqui só se resumem nesse flagelo que é o epidêmico cinema. Ninguém procura ouvir trechos de música clássica, assistir um concerto lírico, e quando aporta a esta terra trupe regular de artistas, mais ou menos criteriosos, depois das primeiras investidas ao Amazonas [teatro], o povo enfadado, deixa-os representando para cadeiras vazias, e o empresário, com dores de cabeça,

chora os prejuízos. ... o indiferentismo é uma das características do nosso povo e o pessimismo o ponto donde parte o nosso grande defeito. Manaus, como cidade moderna que é, precisa acompanhar o progresso e deve ir aos teatros, aos concertos, aos clubs, animar os que aqui vêm não apenas para ganhar dinheiro... É verdade que, de vez em quando aparecem por aqui verdadeiros contos do vigário, ... mas também temos recebidos artistas de valor ... Diversas são as tentativas feitas nesse sentido. Tudo fracassa. Agora, é triste dizer, vejamos os cinemas e os botequins, repletos! (Correio do Norte, 7 nov. 1911, p.1).

Há aqui uma clara hierarquização das diversões, donde se compara o cinema e o botequim repletos em contraponto aos concertos líricos e à música clássica com pouco público. Certamente a diferença de preços entre as diversões deveria contribuir para a diferença de lotação, mas nota-se pelo texto que a presença do cinema já era predominante entre as diversões de Manaus.

MOMENTOS APOCALÍPTICOS

O início dos anos 1910 é marcado pelo aprofundamento da crise econômica, com reflexos políticos e sociais³.

O ano de 1914 chega com forte estagnação econômica, provocando situações de desespero e fome, e em meados deste ano eclode a Grande Guerra. Os jornais da cidade dão bastante espaço para a cobertura da guerra, dedicando espaço diário à cobertura do conflito. O Jornal do Commercio, em sua coluna de notícias internacionais, reportava os movimentos de cada nação envolvida.

O Amazonas passava por uma crise sem precedentes no setor econômico, situação relatada pelo Governador Jonathas Pedrosa em 1915, na Mensagem lida perante a Assembleia Legislativa:

Os efeitos dessa depressão econômica aí estão, aos olhos de todos, a manifestar-se por toda parte, em todas as atividades, desde as grandes empresas, [...] até as grandes e pequenas casas comerciais desta praça, toas elas atravessando enormíssimas dificuldades financeiras, algumas já falidas e outras na iminência de não suportarem [...] (PEDROSA, 1915)⁴.

É fato que alguns estrangeiros já não gozavam de boa acolhida pela elite da cidade, que se expressava em alguns jornais e na forma como estes reportavam situações do cotidiano e do noticiário policial.

O cosinheiro Manoel Severo Bomfim, numa irrefreável expansão da cachaça, que havia ingerido, tentou hontem espancar a quantos transitavam pelo roadway da Manáos harbour. Em tempo, porém, foi esse ferrabraz socorrido pelo agente Medeiros, que por ali passava, e que o levou para a primeira delegacia, onde o melro ficou detido. Outros dois de igual jaez do precedente também foram lhe fazer companhia no xadrez da primeira, são elles os italianos Raphael Montezan e Vicente Massaferro, desordeiros de marca (Jornal do Comércio do Amazonas, 27 ago. 1908).

Não apenas italianos, mas indivíduos de outras nacionalidades são citados de forma pouco lisonjeira - ou ainda xenofóbica - na imprensa local, que demonstrava sempre uma tentativa de disciplinar quais espaços estes deveriam ocupar e como deveriam ocupar: "Um indivíduo de nacionalidade estrangeira foi espancado, ante-hontem, em frente ao café O Cometa, por pretender assistir ao espectáculo do theatrinho Gato Malhado, trajando muito modestamente" (Jornal do Comércio, 22 out. 1910). Quando do início da Grande Guerra, com a crise econômica instalada, e a pressão demográfica crescente, a relação com o contingente de estrangeiros torna-se ainda mais ambígua.

Em 1916, o Cinema Polytheama, ao exhibir o drama de guerra *O patriota francês ou O sacrifício pela pátria*, advertia seus frequentadores:

Este filme tem cenas horrorosas de crueldade do inimigo invasor, cenas irritantes e espantosas. Assim sendo, não desejando agitações em seus salões, a empresa pede encarecidamente que os partidários das diversas nações em guerra não compareçam ao espetáculo, desde que não tenham a calma precisa para assistir ao desenrolar deste lindo trabalho (*O tempo*, 10 fev. 1916, p. 02).

Algumas escolhas na redação desse aviso despertam questões, a começar pela denominação *inimigo invasor* visto que até aquele momento o Brasil declarava-se neutro durante o período, só declarando guerra em 1917. Como o filme exibido tratava-se de uma produção francesa, é possível que o termo se referisse à Alemanha, que naquele momento impunha severas derrotas e adentrava o território francês. Ainda assim, o recado parece um exagero dado o contingente da população estrangeira na cidade e a predominância das colônias portuguesa e espanhola como a maioria dos cerca de 10 mil imigrantes. Além disso, Portugal e Espanha mantiveram-se neutros no conflito. Quem realmente precisaria se comportar

nos salões do Polytheama durante a exibição do filme? Não nos parece razoável achar que seria o público leitor destes jornais, visto que as próprias colônias mantinham periódicos como o *El Hispano Amazonense*, em espanhol, e o jornal *Polyanthea*, em italiano. A nós, nos parece que o aviso tende mais a um componente de disciplinação para com os estrangeiros na cidade, tendo em vista os outros relatos trazidos nesse artigo.

Podemos imaginar que a cidade que passou por da década sob diversos problemas e agitações pontuais⁵ se voltasse para uma outra relação com o contingente de migrantes e estrangeiros, tendo em vista os discursos presentes e a relação tensa ao se referir a estes moradores da cidade, ainda que de formas pontuais e sem nenhum caso de maior repercussão, porém a fome causada pela depressão econômica foi contínua. Ainda que nos falte elementos para correlacionar ambas questões, é possível inferir que a depressão econômica acirrasse ânimos entre moradores, estrangeiros e migrantes.

A participação da borracha amazônica no mercado internacional caiu de 61%, em 1905, para 27% em 1915 (FEITOSA; SAES, 2013). O impacto dessa queda foi sentido diretamente nos seringais, com os trabalhadores abandonando a extração da goma.

Sulcando os rios em bandos turbulentos, depredando e destruindo as propriedades que iam encontrando à sua passagem... Nordestinos que procuravam regressar a seus Estados de origem. Os anos de 1914 e 1915 assinalaram o ponto máximo desse êxodo, levando o Governo Federal a conceder-lhes transporte gratuito nos navios do Lloyd Brasileiro (SANTOS, 1985 apud COSTA, S. 1996, p. 95)

A pujança econômica não dura muito, e ao final dos anos de 1910 a economia da borracha dá sinais de esgotamento frente a concorrência com o produto plantado no Oriente, com números de produção estagnados e superados em muito pelos orientais. A crise leva à convulsão social, com “bandos turbulentos depredando e destruindo as propriedades que iam encontrando à sua passagem... nordestinos que procuravam regressar aos seus estados de origem” (SANTOS, 1985, p. 26).

A partir de meados de 1918, os jornais que só publicavam notícias do *front* de guerra deixariam

de mencionar somente episódios de trincheiras e conquistas de território, e passam a publicar também notícias de uma epidemia que grassava no mundo e que teve diversos nomes. Contudo ficou conhecida mesmo como a Gripe Espanhola. Naquele momento a população parecia considerar a doença como comum a todas as outras gripes, sendo dois ou três dias de febre.

Após os primeiros anúncios da gripe espanhola na cidade, nota-se certa ambiguidade na postura da população manauense frente a epidemia; ainda que houvesse a atenção aos discursos médicos que vinham da capital da República sobre a não letalidade da gripe, também acorriam às farmácias e tomavam medicamentos preventivos para todos os tipos de males, a fim de evitar o mal que se aproximava. Passagens jornalísticas registravam a tranquilidade dos manauaras e até a confiança de que a epidemia não atingiria a cidade da mesma forma com que já atacava alguns estados brasileiros (GAMA, 2013). O ar de tranquilidade era sentido nos bares, cinemas, escolas e casas comerciais abertas que ainda permaneciam com suas programações diárias, todas em pleno funcionamento ainda que decorrido alguns meses dos primeiros casos.

Dentre os esforços mobilizados para conter a força da epidemia, os médicos sanitaristas faziam circular nos jornais da cidade algumas indicações, dentre as quais evitar lugares de grande concentração de pessoas, como os cinemas:

São o nariz, a boca e a garganta os focos principais de contágio. Evitemos: 1º Beijos, abraços e apertos de mãos. 2º Aproximação das pessoas que espirram e tussam. 3º Tocas em objetos contaminados e beber água fora de casa, a não ser em copo próprio. 4º Reuniões de sociedades compreendendo teatros, cinemas, botequins e etc. 5º Levas as mãos, a boca, nariz e ouvidos (A Imprensa, 04 nov. 1918)⁶

É notório nas recomendações para se evitar a contaminação pela doença, desde as primeiras notícias, o destaque para o distanciamento social. A citação direta às principais diversões do momento - teatros, cinemas e botequins - denotam a preocupação com o entretenimento popular. No início de novembro e com o aumento dos casos confirmados, a aparente tranquilidade de meados de outubro ruía junto com a rotina

da urbe. As casas de diversões estavam sendo fechadas, o principal cemitério da cidade estava lotado, e as recomendações de se evitar visitas cessaram quase que totalmente a vida social da população, o que reforçou a atmosfera de silêncio e abandono (GAMA, 2013).

Fato é que em novembro de 1918 todos os cinemas baixaram as portas e deixam de realizar sessões. Não fica claro, pelas fontes consultadas, se a motivação deu-se atendendo às recomendações do poder público, ou pela falta de frequentadores, mas o registro é que somente em janeiro do ano seguinte é que se voltaria a ligar os projetores nos cinemas manauaras novamente.

A cidade que experimentara no início do século a efervescência de grandes capitais, terminava os anos 1910 em situação calamitosa. Ao longo do segundo semestre de 1918 a doença foi fazendo um número cada vez maior de vítimas, com a cidade de Manaus tendo seu cotidiano todo alterado em virtude da passagem de gripe espanhola, em quatro meses da emergência, com a capital amazonense assemelhando-se a uma cidade abandonada, triste e sitiada em razão do que muitos acreditavam ser o fim do mundo. Cenas dramáticas foram notícias correntes de uma cidade que não aparentava mais ser a cidade festiva de outrora. Não foi fácil voltar à normalidade, e órgãos de imprensa notando isso, bem como o poder público, começaram a fazer campanhas para animar e trazer novamente a população às ruas, em busca de uma normalidade e reativação das agitações noturnas e diversões da capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível evocar os ecos desse momento conturbado através dos indícios coletados nas fontes selecionadas, tendo a consciência de, por se tratarem de fontes textuais, perdermos o universo sensorial daquele tempo. Ainda assim, trazemos a metáfora de um período apocalíptico, pois a cidade passava, nos anos 1910, por turbulências sociais e políticas intensas, que refletiam em miséria, em proliferação de doenças, em conflitos sociais e ainda nos reflexos da Grande Guerra, iniciada em 1914 e que se estendeu até 1918.

É da inquirição de nossas fontes que também notamos certa ambiguidade nas relações

entre o projeto que se valia do enriquecimento decorrente da economia da borracha e a opinião pública no trato com migrantes e estrangeiros, talvez reflexo das crises sucessivas pela qual a cidade passou no período abordado, mas que são recorrentes em tempos de escassez de recursos e explosão demográfica. As salas de cinema surgem aqui como espaços que precisavam publicar alertas de comportamento para determinados estrangeiros, ainda que as colônias dos países que estavam em conflito direto por conta da Grande Guerra não fossem numerosas o suficiente para ensejar episódios de grandes conflitos.

A frequência da população às salas de cinema nos traz indícios de todas essas convulsões por estar em um momento de popularização, assomando-se como uma das principais fontes de diversões - fato que incomodou e foi registrado em jornais, e também pelos percalços por que passou com a interrupção do fornecimento de filmes, a preocupação com a reação de estrangeiros aos filmes exibidos e o fechamento de salas durante a pandemia de gripe no ano de 1918.

NOTAS

1. Trabalho originalmente apresentado no XXIII Encontro SOCINE na sessão: "Painel de Mestrados - Acervos, arquivos e preservação".
2. Jornais, El Hispano Amazonense, Imparcial e Jornal do Comercio, nos meses de Dezembro e Janeiro de 1918 e 1919, quando começam publicações para a reabertura dos cinemas para uma volta à normalidade.
3. Vale lembrar que a cidade de Manaus foi bombardeada em 1910, em decorrência de disputas entre as oligarquias locais pelo controle do governo.
4. Atualizamos a grafia deste texto. No original: "Os efeitos d'essa depressão econômica ahi estão, aos olhos de todos, a manifestarse por toda parte, em todas as actividades, desde as grandes empresas, [...] até ás grandes e pequenas casas commerciaes d'esta praça, todas ellas atravessando enormissimas dificultades financeiras, algumas já fallidas e

outras na iminência de não suportarem [...] (PEDROSA, 1915)

5. As disputas pela renda da extração do látex causaram atritos entre o Amazonas e o Pará. A redução das receitas redundaria, inclusive, em conflito armado, entre os dois estados. Ao longo da década, as disputas em torno da arrecadação com o comércio da borracha, inclusive da produção do Acre, foram inúmeras. Em 1916 o governo amazonense enviou destacamento policial para região do Alto Tapajós para proteção do território e dos postos de coleta da extração acreana, alegando que os impostos sobre a produção do látex dali exportada pertenciam ao Amazonas. Em abril de 1916, os policiais de ambos estados entraram em conflito, resultando na morte de praças. O conflito foi encerrado após intervenção de Wenceslau Braz, o então presidente da república (FEITOSA; SAES, 2013).

6. Atualizamos a grafia deste texto. No original: “São o nariz a bocca e a garganta os fôcos principaes de contágio. Evitemos: 1º Beijos, abraços e apertos de mãos. 2º Aproximação das pessoas que espirram e tussan. 3º Tocar em objetos contaminados e beber água fora da casa, a não ser em copo próprio. 4º Reuniões de sociedades compreendendo theatros, cinemas, botequins e etc. 5º Levar as mãos a boca, nariz e ouvidos”.

REFERÊNCIAS

CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa. **O cinema e a invenção da vida moderna**. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

COSTA, Deusa. **Quando viver ameaça a ordem urbana - trabalhadores de Manaus (1890/1915)**. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2014.

DAOU, Ana Maria. **A belle époque Amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920**. Manaus: Editora Valer, 1999.

DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920**. Manaus: Editora Valer, 2007.

FEITOSA, Orange Matos; SAES, Alexandre Machionne. **Am. Lat. Hist. Econ.**, año 20, núm. 3, septiembre-diciembre, 2013, p. 138-169.

GAMA, Rosineide de Melo. **Dias mefistofélicos: a gripe espanhola nos jornais de Manaus (1918 - 1919)**. Dissertação de Mestrado, História, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. **Revista GEOgraphia**. Rio de Janeiro: UFF, v. 14, n. 28, 2010, p. 8 - 39.

LAPERA, Pedro Vinicius Asterito. A encenação da discórdia. **Tempo**, [s.l.], v. 24, n. 1, 2018, p.21-40.

MESQUITA, Otoni M. **La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas - EDUA, 2016.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Trajetórias, Dilemas e Tensões da Colônia Espanhola no Amazonas (1901-1921). **Pontes Entre A Europa e América Latina (XIX-XXI)**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2018, p.167-189.

SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. Manaus da Belle Époque: tensões entre culturas, ideais e espaços sociais. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 27, Natal, 2013.

PERIÓDICOS

Jornal do Comércio do Amazonas, Manaus, 27 ago. 1908.

Jornal Correio do Norte, Manaus, p.1, 7 nov. 1911.

Jornal do Comércio, Manaus, PAGINA, 22 out. 1910.

Jornal O tempo, Manaus, p, 2, 10 fev. 1916.

Jornal A Imprensa, MANAUS, 04 nov. 1918.

PEDROSA, 1915.

SOBRE O AUTOR

Allan Gomes Freitas iniciou seus trabalhos em audiovisual realizando curtas-metragens de formatos populares, em 1 e 4 minutos. Suas experiências seguintes seguiram para o campo da experimentação em vídeo com trabalhos em videoclipe e vídeo-dança. Na volta ao campo do cinema, foi assistente de direção do curta-metragem 'Assim', e diretor dos projetos audiovisuais 'Só de feira' e 'Gritos da Noite'. Desde 2016 coordena, em parceria com o Coletivo Difusão, o Centro Popular do Audiovisual (CPA). Mestre em Cinema e Audiovisual no PPGCINE-UFF. E-mail: allan.difusao@gmail.com